

A DESIDEOLOGIZAÇÃO DO GAÚCHO NA OBRA DE CYRO MARTINS*

Elisabeth Rizzato Lara

Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul

MITO, IDEOLOGIA E REGIONALISMO são três aspectos que se salientam na obra de Cyro Martins, especialmente na trilogia do "gaúcho a pé". Pois o autor ao utilizá-los, apresenta uma outra face deles, inovando e mesmo subvertendo.

Se tomarmos o Regionalismo, sabe-se que até mais ou menos 1930 ainda tem resquícios do Romantismo. Mostra uma visão de certa forma desvinculada da engrenagem social que apontava uma realidade problematizada. A maioria dos escritores deste período no Rio Grande do Sul tinha uma postura reacionária, que, no seu conservadorismo, percebe-se a tentativa de recuperar um tempo já inexistente. Mesmo que percebessem a desagregação da velha ordem oligárquica que impelia a existência de novos grupos sociais, poucos deixavam transparecer essa mudança em suas obras.

Até então, os elementos que embasam o Regionalismo na literatura, isto é, o meio, a personagem e no caso do Sul, o tempo histórico, são usados como reforço de valores discutíveis. O gaúcho era mostrado como um homem repleto de qualidades. Habitante da região da Campanha, sentia-se dono da imensidão geográfica, identificando-se com a terra e dividindo o seu tempo entre a faina pastoril e a guerra. Ele é esculpido por esse espaço que faz dele um guerreiro e um campeiro. O tempo privilegiado era principalmente o de guerra e a Revolução Farroupilha é o momento que assinala o auge da bravura do gaúcho. Em outras palavras, foram usados os elementos básicos da mitificação e mesmo mistificação do gaúcho, agora mera personagem da literatura.

Neste sentido, o que diferencia a obra de Cyro Martins é a forma direta e clara como ele aponta a emergência de novos grupos sociais como os deserdados do campo e uma classe média em fase de politização. O fazer literário, isto é, o ato da escritura se torna participativo, o escritor estabelece uma práxis pela ficção, talvez ainda um tanto idealisticamente para propor alterações e correções. Esta atitude explícita do escritor diante da realidade social faz com que

* Comunicação apresentada durante o VI Seminário Internacional de Literatura do Terceiro Mundo, na mesa-redonda dedicada ao estudo da obra de Cyro Martins.

o meio onde o drama decorre seja não apenas um elemento condicionante externo para tomar-se interno porque desempenha um papel na estrutura da obra. Cyro Martins insere suas personagens num duplo espaço: na campanha, local de glorificação do gaúcho e na cidade, apontando a falência de uma estrutura sócio-econômico-cultural pelo processo de despovoamento da campanha provocado pela migração forçada, resultando no inchamento da cidade. A história do deslocamento da personagem é a história da crise do Rio Grande do Sul que passava por uma fase de transição em que a sociedade vivia um processo de modernização; formava-se um proletariado urbano que disputava o poder, expandia-se a classe média e o modelo industrial estava sendo introduzido.

O tempo também é diferente. Não mais o passado de desafios e glórias mas o presente com todas as suas agruras. Se no século anterior ainda havia possibilidade de enfrentar guerras e o trabalho era incentivado por ser o Sul um pólo importante na economia devido à pecuária, no século XX vive-se um tempo de incertezas, agitação social e empobrecimento.

Mas é em relação à personagem que reside o maior distanciamento. Entretanto, antes de confrontar este aspecto, é necessário revisar a literatura sul-rio-grandense anterior e aí percebe-se o quanto a personagem foi reduplicada ao servir de reforço do mito através do ideológico. Há uma intersecção entre ambos porque a ideologia habilmente estende as idéias da classe dominante às demais classes, fazendo com que sejam assimiladas por todos. O ideológico tem grande necessidade do mito como sustentação em qualquer cultura e época. Um e outro propõem um modelo de ação, determinam o que pensar, valorizar, sentir, fazer. A ideologia inclusive disfarça diferenças sociais. E é exatamente neste repertório de atitudes que se encontra a base do cruzamento do mito e da ideologia.

O gaúcho foi utilizado para atender vários interesses, a começar com o jogo semântico da palavra. A origem destes gaudérios é um tanto obscura, mas por não seguirem regras, eram considerados perigosos e mesmo ameaçadores. O sentido da palavra neste caso é depreciativo. Entretanto, eles são absorvidos como mão-de-obra barata e ao mesmo tempo especializada. A partir desse momento é do interesse da oligarquia sulina instaurar o mito, fazendo com que o gaúcho assimilasse os mesmos valores e a mesma moral para reforçar ideologicamente o jogo político-econômico. De um lado, estas pessoas são exploradas e oprimidas, de outro são louvadas e glorificadas. Este mito é tão convincente que esta população se sente parte integrante desta sociedade. Todos aparentemente trabalham em harmonia, vivem a decantada "democracia rural". É uma maneira de compensar a carência social e econômica na qual vivem os peões. Com o passar do tempo, a situação no campo vai se organizando. O regime anárquico de outrora dá lugar à disciplina incipiente das estâncias, dividindo grandes latifúndios, distribuídos de maneira desigual e arbitrária. Inicia-se um surto de progresso e enriquecimento. A mitificação do gaúcho neste caso é aproveitada como força de trabalho.

Mas há um outro lado, o da guerra. Mesmo que o Rio Grande do Sul tenha sido tradicionalmente o guardião da fronteira, fornecendo contingentes militares para a luta, o ápice do processo de mitificação se dá no período da Revolução Farroupilha cujas causas concentraram-se principalmente no aspecto econômico. Para garanti-lo, entretanto, é necessário manter e mesmo ampliar o poder político. Estes motivos estavam mascarados por uma campanha liberal-republicana. O gaúcho guerreiro é privilegiado ao desempenhar agora o papel de soldado. Ele é bravo, corajoso, destemido. Está completa a composição do mito gauchesco – como peão e como guerreiro – na estância e no campo de batalha. Ao mesmo tempo, ocorre a alteração semântica da palavra que vai se despidendo do sentido depreciativo e se revestindo positivamente, até denominar genericamente o tipo representativo do Rio Grande do Sul. Não há mais espaço para o gaudério descompromissado, inimigo da ordem estabelecida. Foram todos absorvidos, domesticados, estão a serviço da ideologia da classe dominante.

Dois caminhos o gaúcho mitificado percorre: como personagem central na literatura regionalista e como personagem política para passar a imagem de correção, firmeza e honradez do rio-grandense para os grupos do centro do país, nos momentos de crise político-econômica do final de século XIX e início deste século. Este foi um período de profundas modificações – é instaurada a República, ocorre a Revolução de 1893 e mais tarde a de 1923; indústrias se estabelecem e se expandem no Estado; desenvolve-se a agricultura e a pecuária oscila entre períodos de dificuldade e euforia.

O término da Revolução de 1930 aponta para uma nova etapa da sociedade brasileira. Esta fase de transição prevê uma modificação das elites, há a disputa do poder pela classe média e a sociedade encaminha-se para novos rumos. Não há mais lugar para o mito criado pela antiga oligarquia para respaldar seus interesses, só que poucos percebem isto e este mito tem ressonâncias até hoje, comprovando a consistência com que foi criado.

MITIFICAÇÃO E LITERATURA

O veículo de difusão do mito é o texto literário e a representação do gaúcho mítico foi usada consciente ou inconscientemente pelos escritores sul-rio-grandenses.

Mas, para detalhar melhor o processo de desmitificação feito na trilogia do "gaúcho a pé" é importante ter em vista como se alcega o mito moderno herdeiro do mito do homem primitivo.

Basicamente, a significação do mito é composta por dois aspectos – conceito e forma. Enquanto a forma é mais fácil de ser percebida por ser visível, extrínseca e concreta, o conceito de uma certa maneira se disfarça, é diluído, intrínseco. É sobre este aspecto duplo que se pode embasar o mito do gaúcho:

o conceito corresponde ao modo de ser, os fatores originários de sua formação histórica, na terra e na guerra advindo daí o telurismo, o espírito aventureiro e guerreiro, a coragem, a agressividade, a energia. A forma se relaciona com a exterioridade: o traje característico, os utensílios de trabalho, os hábitos, a linguagem.

A literatura regional do Rio Grande do Sul contribuiu decisivamente para fixar e reforçar o mito do gaúcho porque deu ênfase à face mais importante na formação de um mito que é a face intrínseca, formadora do conceito. A outra face, a forma, mesmo sendo indispensável para completar a significação global, pode mais facilmente representar uma falsidade.

Uma retrospectiva da literatura produzida no Sul no fim do século XIX e começo do atual revela que a temática gauchesca se sobressai na maioria dos escritores. O exame da obra de Simões Lopes Neto e de Darcy Azambuja entre outros demonstra ser a mitologia gauchesca a temática recorrente, mesmo que na época contemporânea a eles as condições de vida e de trabalho já estivessem sofrendo modificações. Somente com a literatura dos anos 30 que o monarca das coxilhas vai entrar em crise.

Na análise de **Contos gauchescos**, de Simões Lopes Neto, **No galpão**, de Darcy Azambuja e **Sem rumo, Porteira fechada e Estrada nova**, de Cyro Martins é que se percebem estas diferenças e é remetendo aos temas-base do conceito e forma do mito gauchesco que elas se particularizam e atestam a relação de oposição existente. É no sentimento telúrico que se apóia principalmente a temática dos contos de Simões Lopes Neto e Darcy Azambuja: a necessidade de conquistar e depois defender seu território desencadeia no gaúcho esta identificação com a terra. A constante situação de guerra desenvolve esse apego ao solo natal, seu espírito guerreiro e sua coragem. Como decorrência, as personagens se integram à natureza intimamente como fonte de energia e de identificação. Conhecem o cheiro, o gosto, o rumor dos campos. As qualidades do campeiro remetem às qualidades da natureza comparativamente como linguagem. Esta afinidade entre o homem e o espaço se dá num processo de interação. Há também neste aspecto o envolvimento do homem com os animais e aqui ressalta a importância do cavalo que o possibilita percorrer livremente as coxilhas como um legítimo monarca. Há um estreito relacionamento entre ambos, em termos de consideração e afeto a ponto de atribuir aos animais reações humanas. Também envolvendo o telurismo se coloca a guerra. É quando efetivamente é vivenciada a defesa e a permanência no território pelos rio-grandenses. Privilegia-se por extensão o passado, num corte temporal e o peão-soldado é revestido de grande número de qualidades necessárias para estes enfrentamentos.

O tema histórico-guerreiro é a tônica dessa literatura porque se presta para documentar uma constante na vida do rio-grandense. A guerra aparece ora

como motivo principal, ora como pano de fundo mas sempre o peão-herói está no centro do palco.

Em todas as circunstâncias a vida do gaúcho está pautada por um código de honra bastante rígido no qual se salientam a lealdade, a honradez, a honestidade, a consideração com a palavra dada. Se a personagem clássica de Simões Lopes Neto, Blau Nunes, personifica toda esta gama de atitudes, o mesmo acontece com Fidêncio Lopes, de Darcy Azambuja e toda a gente gaúcha que se faz presente nos contos.

A atividade campeira é focalizada como um misto de dever e desafio. O fazer do gaúcho está impregnado de certa violência e exige perícia e valentia, como a doma, o abate, a marcação, o rodeio. Os autores juntam a esta lida diária o prazer que o peão sente ao executá-la, mesmo que se saiba ser este aspecto lúdico do trabalho apenas mais uma forma de amenizar a exploração do capitalismo pastoril. Ficava a idéia de que este tipo de atividade não demandava muito esforço nem risco, pelo contrário, era através dela que havia a realização pessoal e o congraçamento entre patrões e peões, acobertando profundas injustiças do sistema latifundiário.

Se estes são alguns valores intrínsecos que configuram o mito do gaúcho também percebe-se a existência de elementos exteriores que se somam para completá-lo. A alimentação, o lazer, o vestir, usos e costumes são alguns deles. Em vários contos de Simões Lopes Neto e Darcy Azambuja o churrasco como alimentação básica aparece conotando um tempo de fartura. Da mesma forma o costume de tomar chimarrão, imitando a todos no uso da mesma bomba numa, às vezes, aparência fraternal. Em meio ao trabalho o gaúcho se diverte junto com os companheiros. Contar "causos" ao redor do fogo, como salienta Darcy Azambuja, mateando e pitando o cigarro de palha, ouvir a viola ou a acordeona na venda para onde convergem para beber e jogar mostra que além da convivência diária no trabalho também no lazer se estreitam os laços de camaradagem entre todos. Quanto ao traje, percebe-se ainda que o gaúcho não é desprovido de vaidade, procura se apresentar bem principalmente em dias de festa, como descreve Simões Lopes Neto: "De chapéu de aba larga no cocuruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas mortudas, passando pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais chelo de cortados do que manchas de um boi salino!" (Lopes Neto, 1961:33)

Com esta conformação mítica, o gaúcho entrou para a literatura, foi identificado como representante heróico do universo pastoril. As vozes de Simões Lopes Neto e Darcy Azambuja entre outros, o colocou num outro tempo que não o deles, num espaço idealizado. O gaúcho, o peão? Será que existiu? Se existiu, estava decadente. Era hora de se retirar e dar lugar a uma nova personagem, protagonista de novos tempos. E Cyro Martins dá vida a um novo gaúcho, triste vida, entretanto.

A obra literária está vinculada a uma escolha pessoal que se impregna de um modo de ver o mundo. Aliado a isso, encontra-se o aspecto cultural a que está ligado um povo. Também ao narrar os fatos, a literatura liga-se à História. Quer dizer, mesmo que a obra literária represente uma opção por parte do escritor, essa opção não é totalmente livre, há circunstâncias externas que restringem a sua escolha, que o acorrentam a uma História que por sua vez já está acorrentada.

Os aspectos históricos, sociais e culturais do Rio Grande do Sul foram determinantes decisivos na formação de seu povo – o afastamento geográfico da metrópole, a atividade pastoril, o ambiente de guerra, a pouca influência da Igreja são condicionantes de uma opção.

Se a produção literária de antes de 1930 escolheu de certa maneira esca-motear a realidade, Cyro Martins preferiu acompanhar os caminhos propostos pela moderna ficção brasileira pós 30, optando por fazer uma denúncia da desagregação social e econômica da campanha que de resto era de todo o país. E Cyro Martins elege para trilhar esta caminhada a mesma personagem usada pelos seus pares das décadas anteriores – o gaúcho, o peão – só que despoído de todas as glórias – um gaúcho decadente, vivendo numa sociedade também decadente e isto não é mera coincidência. Ocorre agora o contraponto entre a campanha idealizada da estância, do galpão, da fartura, do cavalo, da distância e a crise desta mesma estância, da subdivisão dos campos, da mesquagem dos rebanhos e do despovoamento.

Retomando os temas-base do conceito e forma do mito, pode-se perceber com mais acuidade o processo pelo qual o gaúcho é apeado de sua condição mítica. Não é mais necessário mantê-lo neste "status" como suporte ideológico. As guerras acabaram, o processo de industrialização do campo avança e o peão está sendo dispensado. Não há mais porque acobertar o tipo de relação de trabalho entre patrão e peão.

Chiru, João Guedes e Janguta simbolizam estes novos tempos. Neles está centrado o tema da marginalização.

De todos os elementos que serviram de suporte para o mito do gaúcho, a identificação com a terra teve um peso muito acentuado. Era na terra que ele apoiava toda a sua vida, seu trabalho. A guerra se sobressai na sua defesa, a sua extensão implica a figura do cavalo, nela que o gaudério se anima. A terra é a sua história. O desenraizamento do homem de quem foi tirada a terra significa a sua condenação. O conflito se estabelece a partir desta saída compulsória: deixar o campo-vida pela cidade-morte. Daí Cyro Martins referir-se às suas "personagens centrais de gaúcho a pé, expressão simbólica do campeiro des-pilchado do cavalo e da distância, os dois fatores fundamentais que fizeram do homem rio-grandense uma estampa histórica." (Martins, 1975:8). A instaura-

ção desta figura heróica se dá com a imagem do gaúcho a cavalo, livre. A sua queda acontece logicamente quando ele é destronado. O cavalo marca a caminhada do gaúcho ao longo de sua vida, a sua falta quebra em definitivo este vínculo. O mito do gaúcho daí em diante não pode se manter, as patas do cavalo representam o seu sustentáculo. Mas se do peão é subtraída a distância e marginaliza-se na cidade, o estancieiro também se vê na contingência de abandonar o campo. É a decadência de ambos. Longe da querência todos sofrem um forte abalo nas suas estruturas.

Em *Sem rumo e Porteira fechada*, o Autor centra sua temática na decadência do trabalhador rural, completamente inadaptado, oprimido, sem perspectiva. Chiru e João Guedes passam por todas as etapas da decadência moral e física. É um caminho descendente. O primeiro, sem identidade, sem destino, some num horizonte sem glória. O outro, depois de roubar e fugir, some na morte. O caminho sem rumo e as portei-ras fechadas das estâncias simbolizam as mudanças sócio-econômicas de que são vítimas os trabalhadores mais humildes das fazendas. Diante deste quadro, só resta o êxodo para as cidades.

Mas a conscientização que o Autor tem da situação social, faz com que ele mostre o curso inexorável dos fatos. Em *Estrada nova*, há uma reversão, ele aponta agora um rumo. Se no painel geral ainda emergem as personagens de uma classe marginalizada, através de Ricardo se restabelece a possibilidade de mudanças, de evolução, mesmo que ainda sejam apenas vislumbres de esperança.

Outra figura que Cyro Martins empresta ao gaúcho ao retirar a capa que encobria o mito é a situação de um ser emangueirado. Antes as coxilhas se estendiam até o horizonte, o gaúcho percorria os descampados num misto de nomadismo e desejo de aventuras. Aos poucos as cercas e os arames aparecem nos campos. A paisagem vai se transformando, mas o gaúcho ainda se identifica com a extensão. Chiru, menino, ao galopar pelos campos, sentia que "conquistava as distâncias e as dominava com sensação de liberdade e vitória". (Martins, 1977:52) Guedes e Janguta viviam num pedaço de terra mas seus olhos se derramavam pelos descampados. Mesmo que o espírito gaudério encobrisse de fato a exploração do trabalho pelo capitalismo pastoril, a perda da possibilidade de deslocamento ao se fixarem na cidade representa um enclausuramento. Um modo de viver e mesmo de sentir que está arraigado no seu In-filmo deve ser modificado, com poucas condições de êxito. E eles percebem que "o fim de todos nós é lá na cidade, aperreados naquele chiqueiro" (Martins, 1976:59) e "vinha enxergando desde tempinho largo que nós todos, os pobres da campanha ia acabá emangueirados, como capão prá consumo." (Martins, 1976:40) A cidade é não só a perda da liberdade a que estavam acostumados como campeiros, vivendo no lombo do cavalo, ao ar livre, mas o cerceamento definitivo trazido pela morte. É o que pensa Janguta ao dizer que na cidade "via-se encurralado. Talvez não tivesse mesmo outra saída senão aquele – o povo, a última, a de morrer." (Martins, 1975:16,7).

Mas onde está aquele gaúcho guerreiro, lutador, viril, audacioso? Ele sempre foi apresentado portando estes atributos nas lides campeiras e no campo de batalha. Como Cyro Martins o apresenta agora? A vida é um desfile de pessoas desesperançadas e resignadas. A vida de Chiru é um fugir ininterrupto. Foge da Fazenda do Silêncio quando guri, foge da guarda quando é preso, foge da realidade quando atravessa dificuldades. Seu refúgio é o sonho. João Guedes é uma personagem em decomposição. Já no início é apresentado em sua destruição total – a morte. É um fracassado e durante o tempo em que dura o seu velório, é narrada a tragédia de uma vida sem futuro. Escorraçado da querência, percorre com a família o duro caminho para a cidade, onde também é fechado. No campo, tem que ceder seu lugar aos bois, na cidade não há trabalho que tenha condições de exercer, já que é "homem que só sabe lidar com bichos: com cavalo, com boi, com vaca, com ovelha... Tirando isso, eu e toda essa gauchada pobre que anda passando quem sabe o quê por aí fora, não entendemos de cousa nenhuma. Esta é a dura realidade" (Martins, 1975:34). Assim, ele sucumbe diante de seu destino: a pobreza, a doença, a degradação, o crime, a morte. E a sua história se confunde com a da maioria que povoa as "coroas de miséria" das cidades. Foram todos colhidos no choque entre o contexto rural e urbano, vítimas da própria transformação histórica. A aura romântica com que o regionalismo conservador envolveu o gaúcho não há mais. É um exilado na sua própria terra natal. Simbolicamente a venda dos arreios de campeiro "cortava o último tento que o prendia a vida passada. Curvava-se ante a fatalidade cedendo lugar a um desígnio doloroso de gaúcho 'de a pé'" (Martins, 1976:95). Esta entrega à fatalidade sem luta aponta de certa forma a uma situação que já existia antes. Pelo próprio caráter econômico da atividade pastoril, o peão tinha ideologicamente uma atitude servil com o fazendeiro. Por sua vez, este revestia a relação de trabalho entre ambos de uma ideologia paternalista como estratégia, na aparente confraternização do trabalho diário. Neste clima de companheirismo não havia lugar para revolta, apenas submissão.

Mesmo a apologia que foi feita da honradez, lealdade, confiabilidade do gaúcho caiu por terra. Na literatura anterior permeava um código de honra comum a todos. Agora se dá o inverso: é a mentira, a falsidade, a desonestidade. Para os peões, Cyro Martins encontra atenuantes: o futuro incerto, a doença, o desespero. Aos estancieiros, entretanto, trata com ironia – o código foi ferido por interesses econômicos, o boi, como fonte de renda, é mais importante. Uma invernada de bois se respelta, porque esse bicho é delicado. Este argumento todos respeitam na campanha. E o peão, quem o respelta?

O aspecto de sociabilidade, de convivência entre os gaúchos é insistente referido na literatura que antecede 1930. Antes era a convivência diária no trabalho, no galpão, na venda. Agora o desencontro, a solidão. A venda reúne homens amargurados, derrotados. A conversa gira em torno dos "bons tempos" de outrora que parecem tão longínquos. A estas conversas são intercalados longos silêncios. O gaúcho, aliado de seu ambiente, é um ser truncado no

seu processo de comunicação. A própria linguagem é uma condição de sobrevivência do mito, existe uma relação de dependência entre um e outro. Essa falta de capacidade de se expressar é uma barreira para estreitar laços afetivos. Por outro lado, torna esmaecida a imagem mítica.

A força do mito em grande parte tem no aspecto interior sua força geradora e alimentadora. Mas a referência ao exterior, mesmo não tendo uma intensa sustentação pode servir de reforço. Assim, a alimentação é um referencial para particularizar o gaúcho. Na literatura tradicional do Rio Grande do Sul, frequentemente há alguém espetando carne para assá-la. Sucessivamente, a fatura vai cedendo lugar à escassez e à descaracterização. A carne dá lugar à paçoca de feijão com farinha. A diferença entre um tipo e outro de alimentação é acentuada, e este é um dos mais graves problemas que o gaúcho enfrenta na cidade: a desnutrição.

O gaúcho também sofre modificações na aparência que se transforma juntamente com a sua maneira de viver e seus costumes. A leitura que se faz agora de seu traje remete ao seu estado decadente. A representação mítico-popular que vê o gaúcho sobre um cavalo, de laço junto aos arreios, bombachas presas à bota e poncho ao vento dá lugar ao uso de "bombachas estreitas semeadas de remendos, um casaco de brim justo e umas alpargatas furadas" (Martins, 1976:90). A linguagem mítica pode ter na vestimenta seu aspecto de falsidade, pode querer mostrar o que talvez não exista, aliás este é o papel do mito ao servir de reforço de uma ideologia. Mas nesta situação existe uma inter-relação efetiva. O traje descaracterizado representa a degradação total de gaúcho.

O que realmente foi o gaúcho? Uma figura autêntica ou uma farsa? Qualquer que seja a resposta, o substrato real que sustentava o mito, qual seja, o gaúcho como produto de uma determinada circunstância histórica aliada a uma promoção ideológica específica, desapareceu. Destituído de todo o aparato mítico, no qual ele próprio acreditou como um mecanismo compensatório, só lhe resta a morte. Pelo menos até que ele possa reverter de certo modo esta situação, Cyro Martins lhe dá esta possibilidade, uma estrada nova se abre no horizonte. A confiança do Autor em mudanças ideológicas envolve alguns personagens que passam a ser agentes na renovação da sociedade.